



# 13

## O gesto político da intimidade: voz, vivência e mídia em Geração Y, de Yoani Sánchez <sup>1</sup>

*The political gesture of intimacy: voice, experience and media in Generation Y, by Yoani Sánchez*

Márcio Serelle <sup>2</sup>

**RESUMO** Este artigo busca refletir, principalmente por meio da análise do blog Geração Y, sobre o modo como a intimidade exposta e partilhada na internet pela cubana Yoani Sánchez constitui narrativas de contra-poder, em que a reivindicação pela singularidade da voz resulta, no ciberativismo, em gesto geracional. Desloca-se, na blogosfera, de uma identidade fundada, a princípio, na ordinariedade do sujeito para uma identidade fortemente coletiva. Nessa evasão de privacidade, compreendida como forma de resistência e proteção, coloca-se em relevo a precariedade das distinções modernas entre as esferas do privado e do público para a abordagem desses relatos nas redes digitais. A partir da reflexão acerca do espaço biográfico contemporâneo, proporcionada por autores como Arfuch (2010) e Sarlo (2007), pretende-se compreender tanto o efeito de transparência e verdade desse discurso em primeira pessoa como o processo de subjetivação desse “eu”, que se dá por meio da recolha de vozes diversas na constituição de um aparato próximo ao do logos bioethikos definido por Foucault (2009), no enlace de voz, equipamento discursivo e dispositivo midiático.

**PALAVRAS-CHAVE** Ciberativismo; Guinada subjetiva; Narrativa em primeira pessoa; Privacidade; Celebração; Geração Y, blog de Yoani Sánchez.

**ABSTRACT** This article aims at discussing, mainly through the analysis of the blog Generation Y, how the exposing and sharing on the internet of Yoani Sánchez’s intimacy generate narratives of counter-power, in which the claim by the uniqueness of the voice becomes, in the cyberactivism act, gesture of a whole generation. Moving in the blogosphere, an identity based, in principle, on the ordinariness of the self turns into a strong collective identity. This evasion of privacy, understood as a form of resistance and protection, denounces the precariousness of modern distinctions between the spheres of private and public as a theoretical approach to these reports on digital social networks. From the studies about the biographical space nowadays, provided by authors such as Arfuch (2010) and Sarlo (2007), this work seeks to understand both the effect of transparency and truth of this speech in first person, and the process of construction of the self, through the recollection of diverse voices in the constitution of an apparatus similar to the logos bioethikos defined by Foucault (2009), linking voice, discourse equipment and media.

**KEYWORDS** Ciberativism; Subjective turn; First-person narrative; Privacy; Celebritization; Generation Y, Yoani Sanchez’s blog

<sup>1</sup> Este artigo é resultado parcial da pesquisa “Narrativa e guinada subjetiva”, financiada pelo CNPq.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, “Interações Midiáticas”, da PUC Minas e pesquisador do CNPq. serelle@joinnet.com.br



### Da tentativa de deitar abaixo estátuas

Em resposta à eleição da revista *Time*, que a elenca, em 2008, entre as 100 pessoas mais influentes do mundo, na categoria “Heróis e Pioneiros”, a blogueira cubana Yoani Sánchez posta, em *Geração Y'*, sob aparente assombro, texto intitulado “O que faço eu aí?”. Colocada, na publicação norte-americana, ao lado de nomes como Brad Pitt e Angelina Jolie, Peter Gabriel, Andre Agassi, Lance Armstrong e Oprah Winfrey, Sánchez assegura ter trilhado o caminho mais incomum para figurar naquela lista célebre, pois seu itinerário foi escorado apenas em verdades pessoais, e não em poderes econômicos, religiosos ou midiáticos. “Sinceramente dediquei-me a contar minha realidade a partir do distorcido foco das emoções e das interrogações<sup>2</sup>” (SÁNCHEZ, 2012), escreve. Sánchez afirma, nesse mesmo *post*, preferir simplesmente o título de “cidadã” e que chegou a crer “que a voz de um indivíduo pode empurrar os muros, opor-se aos *slogans* e desvanecer os mitos<sup>3</sup>” (SÁNCHEZ, 2012).

Essa recusa vã à heroicização – em 2010, Sánchez receberia outro prêmio, o *World Press Freedom Hero*, pelo *International Press Institute*, que faz menção à sua notabilidade e à sua cota de sacrifício –, que pretende reorientar o discurso de contra-poder para a dignificação do sujeito ordinário, pode ser comparada, no regime cubano, à atitude daquele anônimo especializado em derrubar estátuas dos xás da dinastia Pahlevi, no

1 [www.desdecuba.com/generaciony](http://www.desdecuba.com/generaciony)

2 No original: “Sencillamente me dediqué a contar mi realidad desde el distorsionado foco de las emociones y las interrogantes.” As citações relacionadas às narrativas e falas de Sánchez neste artigo foram extraídas de seu blog *Generacion Y*, dos textos recolhidos em *De cuba, com carinho e Havana real* e das entrevistas feitas por Sandro Vaia para *A ilha roubada*, todos referenciados no corpo e ao final deste trabalho.

3 No original: “que la voz de un individuo puede empujar los muros, oponerse a las consignas y disteñir los mitos.”

Irã, recuperado e posto em relevo na conhecida reportagem de Kapuscinski. “Não era uma ocupação, mas um dever” (KAPUSCINSKI, 2012, p. 41), declara o aldeão destruidor de imagens. Nesses dois momentos, conquanto os hiatos ideológicos e culturais, registra-se a tática iconoclasta do sujeito ordinário em face das estratégias de regimes cujas linhas de força ancoram-se, em parte, na estatuária, tomada, aqui, metaforicamente, como forja de heróis. No caso de Sánchez, se essa recusa a figurar como modelo ou líder torna-se inútil, dada a visibilidade atingida pela blogueira, a saída narrativa é a própria ressignificação de herói na cultura cubana, justapondo o termo ao corpo débil martirizado (outro campo de batalha possível), afastando-o, assim, da imponência dos revolucionários de 1959. Lembremos, como exemplo, para além dos monumentos erguidos aos revolucionários, que o próprio Fidel Castro foi descrito nas crônicas iniciais de Vargas Llosa (2010, p. 104) acerca da ilha como uma “verdadeira força da natureza”, “ctônica”, como que levantada do chão.

Essa valorização da resistência presente no sujeito ordinário débil pode ser lida no *post* “O primeiro gole de água” (*El primer sorbo de agua*), de 26 de julho de 2010, em que Sánchez presencia a greve de fome do dissidente cubano Guillermo Fariñas: “Ele me permitiu testemunhar seu sofrimento, suas pequenas irritações e sua fraqueza humana. Só assim descobri o verdadeiro herói dessa jornada<sup>4</sup>” (SÁNCHEZ, 2012a). Nesse *post* são exibidas, de forma coerente à biografia do fraco, fotos destituídas de qualquer refinamento imagético que mostram Sánchez ao lado do corpo frágil de Fariñas, preso a soros num leito de hospital.

De modo semelhante, a narradora de *Nunca fui primeira-dama*, Nádía Guerra, *alter ego* da escritora

4 No original: “(...) él me consintió ser testigo de su sufrimiento, de sus menudas malacrianzas, de sus humanas debilidades. Sólo entonces descubrí al verdadero héroe de esta jornada.”



cubana Wendy Guerra (2010, p. 7), prefere seu pequeno relato à épica dos revolucionários: “Diante das estátuas dos heróis, pensei que minha morte deveria ser simples, minuciosa, cuidada, discreta”. Pode-se esboçar, aqui, portanto, um conjunto de narrativas (as de Sánchez e Guerra, mas, também a de Zoé Valdés<sup>5</sup> e, talvez, ainda, a de Pedro Juan Gutiérrez<sup>6</sup>, precursor de um chamado realismo sujo, ancorado na experiência escatológica que narra, em uma Havana em ruínas, o declínio de uma revolução) que conformam uma guinada subjetiva (SARLO, 2007) cubana, não rara de forma diarística, que passa a compor uma enunciação coletiva. Tem-se, desse modo, a passagem da exposição da intimidade, como forma de reivindicação de um território pessoal confiscado pelo regime – ou seja, como forma de cura –, para um registro geracional. A partir desses relatos, podemos evocar a rejeição de Arfuch (2010) às críticas que veem o espaço biográfico contemporâneo apenas como um conjunto de subjetividades desatadas e narcísicas – uma vitrina do eu *commodificado*, diria Bauman (2008) –, pois, na visão da autora, se é, de fato, possível falar, nesse contexto, em perda de projetos coletivos e de aspirações sociais, também existem nele buscas por novas formas de constituição de um “nós”.

Porque, e isso é essencial, sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade: consequentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas

ciências sociais. (ARFUCH, 2010, p. 99-100).

Assim, podemos compreender uma outra fala da narradora de Wendy Guerra (2010, p. 16), que, num programa de rádio, enuncia aos seus ouvintes, “quatro ou cinco boêmios, Kamikazes, unidos por uma ideia comum: compartilhar verdades pessoais, a necessidade individual de dizer no singular o que se pensa no plural”. Nesses relatos marcados por um excesso de individualismo, a privacidade compartilhada, mesmo que por meio daquilo que De Man (1979) considera o tropo da autobiografia, a *prosopopeia* (*prosopo poein*, outorgar uma máscara), orienta-se para uma voz geracional, colocada, por vezes, pela imprensa ocidental, de forma simplista como total oposição aos valores da revolução cubana e facilmente capturada pela ideologia neoliberal.

Isso posto, interessa-nos refletir, neste artigo, acerca do modo como a intimidade exposta e partilhada na *internet* por Yoani Sánchez constitui narrativas de contra-poder, em que a reivindicação pela ordinariedade da voz resulta, no ciberativismo, em movimento geracional. Desloca-se, assim, de uma identidade fundada na singularidade do sujeito para uma identidade coletiva, em um sistema interativo e compartilhado facultado pela *blogosfera*. Nesse sentido, trata-se de uma evasão de privacidade, que Sánchez (2009, p.17) compreende como forma de resistência e proteção: “Só a perda de minha privacidade – o fim de uma bolha fabricada com anos de silêncio, intimidade e reserva – evita que eu seja devorada pela engrenagem que já engoliu tantos”. No *post* “Buraco Hobbit”, de 18 de março de 2009, Sánchez refere-se à sensação de, durante a adolescência, ter sido um objeto de uso social, em um contexto em que a privacidade foi sacrificada no projeto coletivo do “Homem Novo”, que lhe retirara forçosamente mesmo a reserva do corpo:

5 Autora de *O todo cotidiano* (São Paulo: Benvirá, 2011).

6 Autor, entre outros, de *Trilogia Suja de Havana* (Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2008)



Saí do curso pré-universitário no campo sentindo que nada me pertencia, nem sequer meu corpo. Viver em moradias estudantis cria essa sensação de que toda a sua vida, as suas intimidades, os seus objetos pessoais e até a sua nudez passaram a ser bem públicos. “Compartilhar” é a palavra obrigatória e se chega a ver como normal o não poder estar – nunca – a sós. (SÁNCHEZ, 2009, p. 112).

O refúgio privado era atingido, de acordo com Sánchez, a partir de uma ilusão, isto é, por meio da imersão na ficção de J. R. R. Tolkien, *O Hobbit*, daí a referência à personagem Bilbo Bolseiro. No entanto, como propomos aqui, a partir da discussão de Arfuch (2010), é possível vislumbrar, nas narrativas de Sánchez, uma subjetividade que, por meio de interações midiáticas, promove uma intersubjetividade dialógica, materializada, por exemplo, nas experiências coincidentes dos indivíduos cubanos de sua geração<sup>7</sup>, nos comentários dos internautas (alguns *posts* de *Geração Y* chegaram a ter mais de seis mil deles), nos encadeamentos da *blogosfera* ou mesmo na forma como essa trajetória de vida ressoa nas mídias ditas tradicionais. Em 2012, por exemplo, a tentativa frustrada de Sánchez conseguir um visto para sair de Cuba e visitar o Brasil, para participar do lançamento do documentário *Conexão Cuba-Honduras*, de Cláudio Galvão, foi coberta com destaque pela imprensa brasileira – o site G1, das Organizações Globo, chegou a disponibilizar *link*

7 Como explica a própria Sánchez no texto “Cuba virtual: a história de uma balseira individual no ciberespaço”, introdução a *De Cuba*, com carinho, o nome do *blog Geração Y* foi inspirado em pessoas como ela cujo nome começa “exoticamente” com ípsilon, uma tentativa dos pais de escapar, no ato do batismo, pelo menos onomasticamente, do controle. Sua geração é composta por “[p]essoas nascidas na Cuba dos anos 1970 e 1980, marcadas pelas escolas rurais, pelos bonequinhos russos, pelas saídas ilegais e pela frustração. Pois naquelas décadas tão controladas, ao menos uma parcela de liberdade ficou sem supervisão: o simples ato de dar nome aos filhos” (SÁNCHEZ, 2009, p. 13).

para o áudio da funcionária cubana negando o visto a Sánchez, em uma seção privada, como rastro potente da biografia da blogueira. Logo, percebe-se que esse movimento do íntimo ao público, pelo menos nesse contexto político, coloca em relevo a precariedade de posições cristalizadas que, na modernidade, ordenaram os lugares do privado e do público.

### O efeito-janela do blog: primeiras pessoas em abismo

A projeção da voz de Yoani Sánchez por meio de seu *blog* deve-se a um conjunto de fatores não excludentes entre si. Primeiramente, ao “traço estilístico” de suas narrativas (MAGNOLI, 2009, p. 177), com texto claro, autoconsciente, permeado pela ironia, próximo à crônica e distante do “clichê das vítimas do estado” (VAIA, 2009, p. 57). Mesmo em investidas mais graves, Sánchez se contrapõe inteligentemente à “cultura política de violência verbal” (MAGNOLI, 2009, p. 177), construindo uma “linguagem despida de rancor, capaz de servir de veículo de troca de ideias numa sociedade tolerante” (MAGNOLI, 2009, p. 178), o que a diferencia dos comentários raivosos de outros blogueiros do jornalismo digital.

Segundo, ao aspecto, a princípio, não ideológico de seu relato, que permite que sua reivindicação libertária e democrática se apresente como politicamente lacunar e seja apropriada pelos discursos neoliberais anticastristas. Sánchez, no entanto, posiciona-se, em entrevistas com mais profundidade, contra o neoliberalismo “puro e duro” (SÁNCHEZ apud VAIA, 2009, p. 137), pois esse sistema político-econômico, segundo ela, “não dá proteção às pessoas que não podem competir, que não podem entrar nessa concorrência” (SÁNCHEZ apud VAIA, 2009, p. 137). Definindo-se de modo um tanto fronteiro – “Em geral, eu tenho uma



tendência mais para a questão social, sem pretender ser socialista” (SÁNCHEZ apud VAIA, 2009, p. 136) –, Sánchez não explora, de forma clara, essa atitude antineoliberal em seu *blog*.

Podemos referir-se, ainda, como potência desse relato, à maneira como ele se apequena, no ajuste para as recordações da infância e da adolescência de Sánchez e para histórias e criaturas ordinárias do cotidiano, da família, com ênfase em episódios que envolvem seu filho Teo, seu marido Reinaldo Escobar Casas – também um ativista – e outros amigos, ativistas ou não, que levam a vida *à esquerda*, que na gíria cubana não se refere a um posicionamento ideológico, mas à tática de sobrevivência para o enfrentamento da carestia e das restrições políticas. Ora, sabemos com Sarlo (2007, p. 49), que vivemos, na contemporaneidade, a valorização dos relatos individuais, uma “fetichização da verdade testemunhal”, em época otimista quanto à devolução da palavra aos sujeitos, que narram o que sofrem na pele – como o *superstes*, uma das representações latinas do termo “testemunho”, que se refere àquele que atravessa até o final uma situação-limite (AGAMBEN, 2008) – e como essa voz, que parece emergir de forma direta da experiência, é blindada e resiste a uma analítica discursiva.

Finalmente, há o já mencionado encadeamento midiático do *blog*, que permite a transposição do interdito, da censura governamental e a replicação de textos, com um forte efeito de transparência, que conjuga discurso, mídia autogerenciada e tecnologia, na promulgação dos valores democráticos. O termo *transparência* merece, a essa altura, algum esclarecimento. Nos estudos de linguagem, que se referem às tecnologias e às técnicas das mídias, ele está, frequentemente, relacionado com o automatismo, com o registro maquinal (como aquele da imagem técnica) e com o apagamento do gesto autoral, que possibilita o efeito-janela (BOLTER

& GRUSIN, 2000), ou seja, a sensação de que o leitor, espectador ou internauta vê através de uma interface que se quer transparente.

De acordo com essa lógica, a escrita marcada pela subjetividade seria opaca e não transparente, pois, como escreve a própria Sánchez, trata-se de *distorção*, pois irrompe do estreitamento com o vivido, de uma primeira pessoa interessada, envolvida. No entanto, como vimos, a narrativa em primeira pessoa pode também adquirir certo efeito de verdade pelo imediatismo da vivência, naquilo que os gregos, na historiografia clássica, chamavam de *autopsia* (visão direta e, logo, não mediada por um outro olhar), que poderia, na acumulação dos pormenores que somente alguém que viveu determinada situação é capaz, descrever com *enargeia* (em grego, vivacidade) proporcionando determinado efeito de transparência.

No caso do *blog Geração Y*, como mídia autogerenciada, não seria despropositado aproximar o próprio dispositivo de uma mídia em “primeira pessoa”, em face do controle governamental cubano sobre a Imprensa. Em uma sociedade em que a própria *internet* é controlada pelo Estado, o efeito de transparência dá-se, nesse *blog*, principalmente por meio de uma das três áreas do ciberativismo identificadas por Vegh (2003): a da “conscientização/militância” (awareness/advocacy)<sup>8</sup>. Para Vegh, esse campo pode ser definido pelo ciberativismo que, atuando em comunidades não democráticas, foca em narrar “eventos e questões que não são reportados, reportados de forma insuficiente ou de forma errada na mídia de massa principal” (2003, p.72)<sup>9</sup>, pressionando para que determinadas causas conquistem visibilidade. No caso de Cuba, a censura

8 Resumidamente, as outras áreas, de acordo com a classificação de Vegh (2003), são: organização/mobilização (organization/ mobilization), que envolve ações “offline”, e “ação/reação” (action/ reaction), que cobre ataques onlines realizados por hackers.

9 No original: “(...) events and issues not reported, underreported, or misreported in the mainstream mass media”.



à Imprensa acentua, mais ainda, por contraponto, o efeito de verdade do *Geração Y*, como se ele não fosse apenas uma narrativa acerca do país, mas como se ele detivesse a verdade sobre a ilha e conseguisse atravessar sua cortina ao prover, por meio de seus relatos acerca do cotidiano – para citar novamente o artigo de Vegh (2003, p. 73) acerca das formas do ciberativismo –, “notícias de dentro do regime”<sup>10</sup>, que encontram seu caminho para fóruns que discutem e denunciam “censura ou violações dos direitos humanos que estão ocorrendo dentro de regimes autoritários fechados”<sup>11</sup>. Sobre esse efeito de verdade adquirido por *Geração Y*, vejamos, como exemplo, o livro publicado nos Estados Unidos, que reúne os posts de Sánchez (2009a) e que, desde o título, estabelece esse contrato de transparência: *Havana real – uma mulher luta para dizer a verdade sobre Cuba, hoje*<sup>12</sup>. A ideia, aqui, é de que as narrativas de Sánchez são uma janela aberta para a realidade cubana.

A visibilidade adquirida pelo *blog* – nessa sobreposição de primeiras pessoas (a da voz de Sánchez e a midiática, o *blog* autogerenciado) – não deve ser vista, ainda, fora de um contexto eufórico acerca do poder democratizante da *internet* a que Morozov (2011, p. 27) se refere ironicamente como doutrina Google, ou seja, a crença de que as redes digitais são “realmente uma força revolucionária que poderia empurrar todos os regimes autoritários em direção à democracia”<sup>13</sup> por meio da disseminação de informação. Para os ciber-entusiastas, de acordo com Morozov, todas as ditaduras sucumbiriam se pressionadas pela livre informação das redes digitais e de suas tecnologias, que prescrevem governos

mais descentralizados e participativos (para esses vanguardistas – no sentido militar do termo – digitais uma conta de *twitter* é mais letal que um AK-47). O autor pondera, contudo, que essa é uma visão ingênua, pois a *internet*, vista mais detidamente, é também uma forma eficaz e sofisticada de controle (que deu poder a polícias secretas, censores e propagandas oficiais de regimes totalitários contemporâneos). Além disso, para Morozov (2011, p. 30), ditaduras são regimes complexos, que não se sustentam apenas pelo exercício da força bruta: “Religião, cultura, história e nacionalismo são todas forças potentes que, com ou sem internet, conformam a natureza do autoritarismo moderno em formas que ninguém entende completamente.”<sup>14</sup>

Sobre Sánchez, Morozov (2011, p. 200) reconhece o esforço “heróico” – novamente, aqui, a heroicização a que se deseja, pelo menos no plano do discurso, escapar – dela, dado o controle do sistema midiático em Cuba, bem como a agudeza dos seus *posts*, mas, ao mesmo tempo, considera-a dentro de um grupo de blogueiros que opera sem construir movimentos políticos sustentáveis em seu próprio solo, ainda que tenha grande repercussão na imprensa ocidental, inclusive recebendo prêmios e dando entrevistas contra o regime.

Essa análise não é, evidentemente, a que se faz de modo reiterado sobre Sánchez, tendo em vista a circulação valorizada de seu discurso, verificável não apenas pela já mencionada série de prêmios jornalísticos que a blogueira recebeu como pelos livros que reúnem seus *posts*, traduzidos para diversas línguas (inglês, italiano, português, entre outras), ou ainda pelas reportagens geradas acerca de sua vida e pelas colunas de jornal que ela hoje assina, inclusive no Brasil, em *O Globo* e *O Estado de*

10 No original: “(...) news from inside the regime”.

11 No original: “(...) censorship or human rights violations occurring within close authoritarian regimes”

12 No original: Havana real – one woman fights to tell the truth about Cuba today.

13 No original: “(...) really a revolutionary force that could nudge all authoritarian regimes toward democracy (...)”.

14 No original: “Religion, culture, history, and nationalism are all potent forces that, with or without the internet, shape the nature of modern authoritarianism in ways that no one fully understands yet.”



S. Paulo. Para Sandro Vaia (2009), “em pouco mais de um ano, [Geração Y] afetou mais os alicerces de uma revolução cinquentenária e esclerosada do que toda a propaganda que produziu contra essa mesma revolução ao longo de uma interminável batalha ideológica”. No exagero dessa constatação, retornamos ao *internet*-centrismo, como elogio desmedido ao potencial libertador das mídias digitais.

### Escrita de si e inventário midiático

Se todo esse movimento de construção de uma identidade que se projeta publicamente, de forma engajada, por meio de pequenos relatos íntimos e claramente passionais e subjetivos, coloca em questão as fronteiras entre o privado e o público, hoje, nas redes digitais, convém abrir, ainda, por meio do entrelaçamento que vimos propondo – entre a voz e o dispositivo midiático –, reflexão acerca da possível singularidade desse discurso que reivindica narrar o imediatismo do eu, retirando dele seu efeito de verdade.

Como vimos em exemplo anterior acerca da referência à obra de Tolkien, diversos posts de *Geração Y* apropriam-se, intertextualmente, de fragmentos narrativos que são lidos e subjetivados à luz da vivência de Sánchez, como chaves para interpretação de sua realidade. Entre as narrativas midiáticas apropriadas poderíamos citar, por exemplo, as telenovelas brasileiras (*post* “Telenovelas e realidades”); a história em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi (“Persépolis”); o curta-metragem de Eduardo del Llano (“Brainstorm”); a própria televisão cubana (“Dizer não” e “Quando assisto à TV”); os filmes *A onda* (“Aprisionados na onda”) e *A vida dos outros* (“Aqueles que não mostram sua face”); o universo de Harry Potter (“O dom da invisibilidade”).

O *blog* de Sánchez torna-se, portanto, um espaço

de recolha do que ela leu, ouviu e, principalmente, assistiu (a ênfase, aqui, de uma cultura midiaticizada, centrada no audiovisual), método comum, como assinala Foucault (2009), a determinadas tecnologias do eu, desde a antiguidade. Em “A escrita de si”, o filósofo, na avaliação da constituição das narrativas que visavam à constituição de um si próprio como sujeito de ação racional, discorre sobre os *hypomnemata*, livros de registro, livros para conduta da vida, em que o indivíduo reunia fragmentos de outros textos para, em reescrita posterior, debruçar-se em exercício organizador, de razão:

Trata-se de constituir para si próprio um logos bioethikos, um equipamento de discursos a que se pode recorrer, susceptíveis – como diz Plutarco – de erguerem eles próprios a voz e de fazerem calar as paixões, como o dono que, com uma só palavra, sossega o alarido dos cães. E para isso é preciso que eles não sejam simplesmente arrumados num armário de recordações, mas profundamente implantados na alma, “gravados nela”, diz Séneca, e que desse modo façam parte de nós próprios: em suma, que a alma os faça não apenas seus, mas si própria. A escrita dos *hypomnemata* é um veículo importante para esta subjectivação do discurso. (FOUCAULT, 2009, p. 137).

O cultivo dos *hypomnemata* não pretendia perseguir o indizível ou revelar o oculto, mas “captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 2009, p. 137). Embora Foucault faça questão de contextualizar os *hypomnemata* em uma cultura marcada pela tradicionalidade e pela prática citacional, “pelo valor reconhecido ao já dito” (FOUCAULT, 2009, p. 137), talvez o movimento contínuo de fragmentação e recolha das mídias sociais, hoje, possa operar de maneira semelhante, ao remeter, nas páginas pessoais, nos perfis dos indivíduos, a *links* diversos,



a pensamentos em linha ou em superfície (por meio de imagens) ou em linha e superfície ao mesmo tempo (no caso de pequenas narrativas audiovisuais). No entanto, a ação reorganizadora, necessária, segundo o filósofo, para combater o que era considerado *stultitia* na Antiguidade (o espírito instável, desejoso por novidades, incapaz de se dotar de um ponto fixo), nem sempre ocorre, dado o desencaixe, a descentralização e a flutuação desse meio.

O *blog* de Sánchez constitui-se, assim, por meio da unificação do já dito, do que foi escolhido, recuperado, mediado pela vivência e reorganizado em formas de *posts*, que recolocam, novamente, o discurso em circulação. Portanto, só em certa medida sua escrita é manifestação de uma singularidade, pois, desde sua concepção, já operam ali as vozes dos outros. Novamente, como a narradora de Wendy Guerra, trata-se, por outra via, agora, de “dizer no singular o que se pensa no plural”.

Mas o que, de fato, se pensa, aqui, no plural? Em que chave essa voz que reivindica sua individualidade torna-se geracional? Para além do já dito sobre a voz ordinária da blogueira, que se constrói como ponto de coerência de narrativas compartilhadas midiaticamente (como é visível no caso das telenovelas brasileiras em Cuba), o ato de celebrar a falência do metarrelato, que caracterizaria o período a que a própria Sánchez denomina pós-moderno, torna-se, na atomização dos relatos, uma recorrência; na fragmentação, uma unicidade. Para Sánchez, “a ideologia [não é] uma ausência a lamentar”, em uma sociedade em que as máscaras caíram e “não tinha rosto embaixo dela[s]” (SÁNCHEZ apud VAIA, 2009, p. 136). Logo, esse caráter lacunar, de descrença nas definições tradicionais de política e no partidarismo, faz com que o único valor perseguido de forma essencial seja a liberdade. O ponto coletivo de uma geração

sem rosto, o vínculo dos relatos em primeira pessoa está não somente na semelhança entre as histórias vividas, mas na própria orientação para o banal e o anônimo, ainda que, como vimos, esse tenha sido, de modo paradoxal, justamente o caminho para a celebração de Sánchez.

### Considerações finais

Essa orientação para o pequeno relato, na exposição da vida íntima e da cotidianidade cubana, torna-se, portanto, em *Geração Y*, tática e gesto político, no sentido em que se firma na potência da primeira pessoa, em uma cultura marcada pela subjetividade, que recupera e reposiciona as narrativas do “eu” como forma de colusão entre o relato e o vivido, com forte efeito de verdade, notadamente no caso do sujeito ordinário reprimido por regimes ditatoriais. A orientação torna-se visivelmente política porque, embora resista às segmentações ideológicas, repudia a épica revolucionária cubana, a grande narrativa, e, como contraponto, busca na dignificação do anônimo uma forma de ele recuperar sua singularidade, escapando à uniformização de um regime que teria confiscado as liberdades individuais.

Nesse sentido, o *blog* é um dispositivo midiático que faculta tanto o método autobiográfico como o gesto político da singularidade, pois o mencionado autogerenciamento desse lugar discursivo marcadamente impressionístico faz dele uma espécie de mídia em “primeira pessoa”, que consegue seu efeito de verdade ao veicular as histórias pessoais de Sánchez que adquirem o status de transparentes ou de reais, na contraluz da imprensa oficial, como os jornais *Granma* e o *Juventud Rebelde*, sob rígido controle governamental. O *blog*, assim como o *twitter*, constitui, hoje, de acordo com Sarlo (2009, p. 9), “um circuito que é mais autorizado e verossímil que qualquer outro porque confirma a





ideia de que os meios estabelecidos (e anteriores à web) invariavelmente escondem alguma coisa". Isso, evidentemente, não diz respeito somente ao controle midiático em regimes de exceção, mas, também, às próprias mídias "tradicionais" de sociedades consideradas democráticas, postas sob desconfiança geralmente por se tratarem de veículos pertencentes a conglomerados interessados política e economicamente. Permanece, contudo, conquanto esse efeito de transparência do *blog*, difícil mensurar as irritações e transformações provocadas em regimes fechados por esses circuitos das redes sociais, e essa é uma das questões que continuam abertas para Morozov (2011).

A passagem do privado ao público, nesse enlace entre voz e imediatismo da experiência e da mídia, dá-se, como vimos, no caso estudado, de formas diversas, entre elas, pelo próprio questionamento desse "privado", que é construído discursivamente a partir de negociação constante com narrativas da cultura midiática, ou seja, Sánchez compõe sua face singular na rede por meio de um equipamento de discursos midiáticos compartilhados socialmente, lendo e narrando sua vida ordinária na apropriação desse imaginário. O que mais indica a precariedade da ideia de contextos estanques de privado e público, hoje, ou da noção de que a narrativa autobiográfica seja uma atomização narcísica do sujeito, desprovida de qualquer agenciamento coletivo, rumo à espetacularização vazia, seria o modo como a reivindicação de Sánchez por narrar a própria vida acaba por engendrar mecanismos de visibilidade que realizam a transição da ordinariedade para a face pública e célebre, que não é restrita às próprias redes sociais, pois mobiliza, mesmo nas chamadas mídias tradicionais, o debate ideológico, ainda que a blogueira tente, em certa medida, esquivar-se dele, colocando como demanda essencial a liberdade de sua geração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOLTER, Jay e GRUSIN, Richard. Remediation: understanding new media. Cambridge, London: The MIT Press, 2000.
- DE MAN, Paul. Autobiography as de-facement. MLN. Johns Hopkins University Press. Vol. 94, No. 5, Comparative Literature. (Dec., 1979), p. 919-930.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Trad. Antonio Fernando Cascais. 7ª. Ed. Lisboa: Vega, Passagem, 2009.
- GUERRA, Wendy. Nunca fui primeira dama. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Saraiva, 2010.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. O xá dos xás. Trad. Tomasz Barcinski. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LLOSA, Mario Vargas. Sabres e utopias: visões da América Latina. Trad. Bernardo Ajzenbert. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- MANGNOLI, Demétrio. O tempo e o espaço de Cuba de Yoani. In: SÁNCHEZ, Yoani. De cuba, com carinho. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Donato Petrolini Jr. São Paulo: Contexto, 2009. p. 175-204.
- MOROZOV, Evgeny. The net delusion. New York: Public Affairs, 2011.
- SÁNCHEZ, Yoani. De cuba, com carinho. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Donato Petrolini Jr. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_, Yoani. Havana real: one woman fights to tell the truth about Cuba today. Trans. M. J. Porter.



New York: Melville House, 2009a.

\_\_\_\_\_, Yoani. “¿Qué hago yo ahí?”. *Generación Y*, 3 de mayo de 2008. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony/?m=200805&paged=2>. Acessado em 24 de março de 2012.

\_\_\_\_\_, Yoani. “El primer sorbo de agua”. *Generación Y*, 26 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony/?s=guillermo+fari%C3%B1as&submit.x=19&submit.y=16>. Acessado em 24 de março de 2012a.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_, Beatriz. *O animal político na web*. Serrote. Trad. Chico Mattoso. São Paulo: Instituto Moreira Salles, no. 7, março de 2011. p. 7-18.

VAIA, Sandro. *A ilha roubada: Yoani, a blogueira que abalou Cuba*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

VEGH, Sandor. *Classifying forms of online activism: the case of cyberprotestes against the world Bank*. In: McCAUGHEY, Martha e AYERS, Michael D. (Eds). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. New York; London: Routledge, 2003. p. 71-95.

O gesto político da intimidade: voz, vivência e mídia em  
Geração Y, de Yoani Sánchez  
Márcio Serelle

Data do Envio: 5 de abril de 2012.  
Data do aceite: 11 de maio de 2012.

